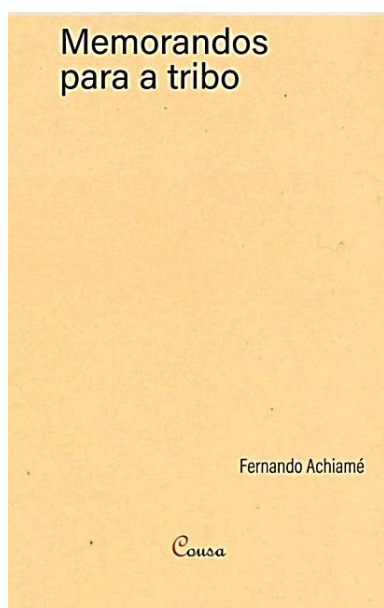


ACHIAMÉ, FERNANDO. *MEMORANDOS PARA A TRIBO*. VITÓRIA: COUSA, 2025.



(Foto sem crédito)

Fernando Achiamé*

* Fernando [Antônio de Moraes] Achiamé, poeta e historiador, natural de Colatina – ES (1950), é graduado em História e Mestre em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), além de possuir o Diploma Superior de Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy II – França. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES) desde 1981, ocupou os cargos de professor do Centro de Artes da Ufes, por concurso público, diretor do Arquivo Público Estadual e membro do Conselho Estadual de Cultura. Integrante da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL) com a Cadeira 17, publicou diversas obras de historiografia, como *O Espírito Santo na Era Vargas: elites políticas e reformismo autoritário – 1930-1937* (2010), e os livros de poemas: *A obra incerta* (2000); *Livro novíssimo* (2011); *Manual prático do mistério – poemas* (2018); e *Memorandos para a tribo* (2025).

Eu, hein, resenha autoral? Que bicho é esse? À minha reação de estranhamento ao receber o convite do Neples/Ufes para participar da revista *Fernão* n. 15 seguiu-se certo interesse pela novidade. Aceitei o convite gentil com um pé atrás, sempre pensando na frase de Rubem Braga que gosto de repetir: “Também falo muito de mim — o que é inevitavelmente monótono”. Frase registrada pelo Velho Urso na apresentação da sua obra *Crônicas do Espírito Santo*, 1ª edição saída em 1984, na qual preenchi as orelhas, a convite do editor Reinaldo Santos Neves, com um texto que muito agradou o autor.

Para me animar a escrever, pensei numa saída. E que logo se revelou evidente. Quem fará a resenha autoral não será a pessoa que escreveu os poemas da obra *Memorandos para a tribo*. Essa já ficou no passado, já se transformou. Assim, será um Outro de agora que voltará aos escritos para os interrogar.

De cara, constato que a trajetória do criador de *Memorandos* cultivava certa coerência em não realizar projetos para o seu fazer poético. Se desde bem jovem cultivava versos, os poemas vão surgindo, se acumulando e, em dado momento, são organizados em livro e dispostos em seções, às quais se conferem títulos. Dessa maneira ocorreu com o livro inicial tardio, *A obra incerta*, prefaciado por Reinaldo Santos Neves e publicado em 2000 pela Flor&Cultura. Reúne versos dos anos 60 a 90, alguns deles já publicados na imprensa periódica ou em coletâneas, e dispostos nas seções “Agenda vitoriense”, “Atas de passagem” e “Plano da obra”.

O trabalho seguinte, *Livro novíssimo*, impresso em 2011 pela Flor&Cultura com apresentação de Lucas dos Passos, junta a produção das duas décadas anteriores ao seu aparecimento e tem as seguintes seções: “Escala 1:1”, “Fogo amigo”, “Trilha sonora” e “Livro novíssimo”.

O terceiro livro de poesia, saído em 2018 pela editora Patuá com o título de *Manual prático do mistério – poemas* e apresentação de Eduardo Madeira, também tem as composições distribuídas em diversas partes: “Contrapontos”, “Intervalos” e “Variações”.

Esse depoimento é significativo, pois pelos títulos dos livros e de suas seções, não se percebe que o autor sempre acumula poemas à medida que são escritos e, antes de os enfeixar numa obra, os organiza em divisões que guardam alguma correlação temática, mesmo subjetiva — poemas que possuem a cidade de Vitória como musa; questionamentos existenciais; tensões amorosas; manifestações culturais, além de diversos outros assuntos.

O autor dessas obras lembra que, na convivência por décadas com muitos amigos e conhecidos que lidavam com a prosa de ficção, sempre ouvia referências a projetos literários, que eram executados com êxito, abandonados, ou retomados e concluídos. E estranhava por ele mesmo não se empenhar em algum “projeto literário e poético”, a exemplo de autores capixabas seus amigos ou de luminares da poesia como Ezra Pound ou T. S. Eliot.

A mais recente obra do poeta, *Memorandos para a tribo*, editada em 2025 pela Causa com prefácio de Wilberth Salgueiro, acompanha as precedentes no sentido de ser uma acumulação de poemas, juntados tematicamente *a posteriori*. No entanto, delas se distingue por uma particularidade — se as seções “Sinfonia inacabada”, “Segmentos” e “Passeios” resultam de poemas selecionados como nos trabalhos anteriores (continuidade), a última, intitulada “As Torres Gêmeas”, resultou do que poderia ser considerado *grosso modo* de “projeto literário” (ruptura). Porque esse extenso poema foi elaborado aos poucos, de modo eventual, esquecido e retomado ao longo de dez anos. E somente concluído por meio de um esforço concentrado. O amigo Reinaldo chegou a ler e reler o poema, distribuído em 20 partes, sugerir algumas alterações, logo acatadas, elogiar o

tour de force (expressão dele) e observar que o poeta deveria se dedicar a fazer versos épicos.

Pode-se considerar também que “As Torres Gêmeas”, última parte de *Memorandos para a tribo*, difere dos poemas anteriores por preencher inteiramente uma parte do livro. Ou seja, ele foi pensado desde o início como um conjunto distinto das outras composições, sempre distribuídas de modo até certo ponto subjetivo entre as diversas seções dos livros de Achiamé. E também pelo longo poema ter levado tanto tempo para ser concluído. Talvez a justificativa para essa ruptura esteja no fato de o 11 de Setembro ter abalado bastante o poeta. Dias depois da tragédia, ele chegou a fazer um poema sobre ela e o apresentou aos amigos da extinta confraria do Sabalogos¹. O tema permaneceu martelando sua cabeça. E, afinal, sem conseguir transformar seu poema numa obra à parte, única, terminou o trabalho fazendo pesquisas na Internet de modo a subsidiar a feitura final dos versos.

E quanto às outras seções do *Memorandos para a tribo*? A primeira, “Sinfonia inacabada”, faz referência à famosa peça musical de Schubert citada pelas admoestações maternas quando certas tarefas domésticas não eram completadas. Nela poderiam estar todos os poemas, pois eles são o lugar por excelência do inacabado, que procura atingir a completude por meio do Outro, do Leitor. Mas a subjetividade do autor inseriu naquela seção composições ligadas ao transcendental, seja uma explicação buscada da condição humana

¹ Segundo Getúlio Neves, “Desde 1989. Nasceu de um encontro casual entre João Bonino Moreira e Sérgio Bichara, ambos muito “sistemáticos”, que surpreendentemente não se estranharam naquele dia de maio em Vitória. Estavam na Livraria Logos da Praia do Suá, e o assunto entre os dois, não de forma surpreendente (porque estavam numa livraria), foi livros. Constatadas por ambos as similaridades de gostos aquele foi, então, um embrião. A eles (provavelmente porque só haveria por ali uma mesa) foram-se juntando outros: Pedro J. Nunes, Carlos Wilson Lugon, Francisco Grijó e José Neves. Depois vieram Renato Pacheco, Luis Guilherme e Reinaldo Santos Neves, Ivan e Ivantir Borgo, Henrique Herkenhoff, Miguel Depes Tallon, Vitor Biasutti, Carlos Teixeira Campos Jr., Fernando Achiamé, Michel Minassa Jr., Léa Brígida de Alvarenga Rosa, Getúlio Neves, Álvaro José Silva. [...] Falava-se e fala-se de tudo e de literatura também”. Cf. NEVES, Getúlio. Sabalogos. In: NUNES, Pedro J. *Tertúlia*: livros e autores do Espírito Santo. Vitória, 2005-. Disponível em: <https://www.tertuliacapixaba.com.br/materias_especiais/sabalogos_sabalogos.html>. Acesso em: 13 maio 2026.

(poemas como “Culinária antiga”, “Bruxuleios”, “Fragmentos” e outros), seja a musicalidade de Debussy (“Impressões”) ou dos irmãos Gershwin (“Terceira rapsódia”), seja, enfim, lamentações sobre tragédias que escapam ao nosso controle (“Nova música aquática”, “Não estava lá”).

A segunda parte de *Memorandos*, denominada “Segmentos”, reúne versos provindos de um cotidiano variado. São produções mais reflexivas (os poemas “Sons”, “Segmentos”, “Luzes”, entre outros), ou realizadas a partir de práticas comuns (“De vez em quando...”, “A partir de um e-mail”, “Na varanda”), ou ainda de temas isolados, soltos na obra (“Monoteísmo”, “Troca”, “Vida de alguém”). O poeta acredita que seu cotidiano precisa ser enriquecido com inspirações e *insights* oriundos de olhares inusitados dirigidos à realidade, de atitudes que lembram a “observação participante”, método empregado por antropólogos em suas pesquisas de campo.

Memorandos para a tribo traz em sua terceira parte poemas enfeixados sob o título de “Passeios”. Nela predomina o amor pela musa maltratada mas que continua a superar seus problemas e decepções — a cidade de Vitória. Amor expressado por meio de trabalhos como “Camadas a partir do tempo”, “Papo praieiro”, “A concha vazia”. Os “passeios” poéticos vão também a Brasília (“Plano piloto 2021”) e a lugares capixabas: Colatina (“Vozes de sempre”), Cariacica (“Epicédio em 2020”), Anchieta (“Braçadas”), Itapemirim (“Destinos Desatinos”). O amigo e grande poeta Miguel Marvilla comentou admirado que o autor de *A obra incerta*, que ele editava, era um dos poucos da sua geração que celebrava em versos lugares capixabas. Talvez essa seja uma das temáticas presentes nos quatro livros de poemas antes citados.

Referindo-se à epígrafe em *Memorandos*, e interpretando os versos de Mallarmé, aquele Fernando me informou que a missão dos poetas (os “anjos”) seria “dar um sentido mais puro às palavras da tribo”, sabendo-se que a “tribo” somos todos nós — os falantes e os leitores de qualquer nível. Disse também que já tem pronto um quinto livro de poemas, a sair pela editora Cândida ainda em 2026,

com prefácio de Francis Kurkiewicz, e o título de *Caderno temporão de haicais e tankas*. E que nessa mais recente produção também não cumpriu um “projeto poético”. Os haicais se acumularam e, na organização do livro, foram separados em duas partes com temáticas entrelaçadas — a primeira sobre o Mosteiro Zen Morro da Vargem situado em Ibirapu (ES), e a segunda acerca de um filho afetivo, ordenado no mosteiro. Sendo que os tercetos desta última parte, por sugestão do prefaciador Francis, foram transformados em septetos — tankas.

Os autores das apresentações dos quatro livros já publicados de Fernando Achiamé foram citados devido à circunstância de seus textos formarem uma espécie de “fortuna crítica” da obra do poeta. A eles, se juntam um artigo de Gilbert Chaudanne estampado no antigo caderno “Pensar” de *A Gazeta* quando do lançamento em 2011 do *Livro novíssimo*; a resenha crítica de Ester Abreu Vieira de Oliveira intitulada “Achiamé, o historiador poeta”, que aborda a produção poética com ênfase em *Memorandos*, publicada na revista *Literatura ao Máximo* (n. 45, set. 2025); e a resenha sobre *Memorandos para a tribo* elaborada por Fábio Daflon Gomes e ainda inédita. Daquelas apresentações, a elaborada pelo escritor Wilberth Salgueiro para *Memorandos* capta muito bem uma característica que percorre os livros do poeta Achiamé, sintetizada no título “Prazer e pensar” e na frase que encerra o texto: “Cabe à tribo percorrer esses memoráveis memorandos de Fernando, no trânsito entre o prazer e o pensar”. Salgueiro refere-se ao prazer de ler os poemas e ao fato de eles provocarem o leitor a pensar. Esse o ponto de vista de quem lê, claro. Da visada do autor, ocorreu o inverso — uma ideia que foi trabalhada em versos. Sabendo-se que, certamente, ambos os enfoques se complementam.

Consultei a declaração de Achiamé no livro *Por que você escreve?*, organizado por Sérgio Blank e publicado em 2018, e dela extraí um lamento que o define bem: “Uma aspiração: teimo em me definir como poeta e historiador, mas as pessoas ignoram a primeira atividade e somente me consideram praticante da segunda, certamente por minha culpa. O que posso fazer? Quem sabe algum dia seja reconhecido e lembrado como poeta...”

O fazer poético prossegue sem nenhum projeto, ao sabor das ideias, *insights* e emoções. Já existem alguns poemas acumulados que deverão vir à luz quando Deus der bom tempo. Como este, feito em 2024:

DOIS INSTANTES

Desde pequeno ouço a frase
"Cheirar a flor soprar a vela"

Professora de educação física
Minha mãe ensinava crianças
A respirarem direito
Pelo nariz cheirar a flor
Pela boca soprar a vela

Repetia com os alunos
Falava para os filhos
"Cheirar a flor soprar a vela"

Vou pela vida descuidado
Cheiro flores sopro velas
Escutando a voz materna

Ao respirar pela primeira vez
Junto a mim havia uma Flor
Ela também estará comigo
No último sopro da Vela

Assim, entre continuidades e rupturas, o velho poeta persiste em seu ofício.

Recebida em: 4 de maio de 2026.
Aprovada em: 18 de maio de 2026.